

GITA MEHTA

O MONGE
ENDINHEIRADO,
A MULHER DO
BANDIDO E
OUTRAS HISTÓRIAS
DE UM RIO INDIANO

Tradução

Hildegard Feist



Copyright © 1993 by Gita Mehta
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
A River Sutra

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Stella Weiss

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Cristina Terada Tamada

Atualização ortográfica
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mehta, Gita

O monge endinheirado, a mulher do bandido e outras
histórias de um rio indiano / Gita Mehta; tradução Hildegard
Feist. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2016.

Título original: A River Sutra.
ISBN 978-85-359-2580-7

1. Ficção indiana (Inglês) 2. Peregrinos e peregrinações —
Ficção — Índia I. Título.

15-01233

CDD-813-6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura indiana em inglês 813.6

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

O GOVERNO AINDA ME PAGA SALÁRIO, mas já não me considero um burocrata. Os burocratas pertencem demais ao mundo, e eu cumpri minhas obrigações mundanas. Hoje sou um *vanaprasthi*, uma criatura que se refugiou na floresta para meditar.

Naturalmente fui obrigado a modificar a tradição, uma vez que passei minha infância em Bombaim e como funcionário público trabalhei apenas em cidades. Embora meu desejo de afastar-me do mundo aumentasse com a idade, eu tinha consciência de que não estava preparado para vagar pela selva e me tornar um eremita da floresta, vivendo de frutas e raízes.

Pouco depois que minha mulher faleceu eu soube que havia uma vaga numa pousada do governo próxima ao rio Narmada.

Quando viajava a serviço pelo interior, muitas vezes fiquei em tais pousadas. Com o tempo até me afeiçoei a esses refúgios solitários que os imperadores grão-mogóis construíram pela imensidão da Índia a fim de abrigar o viajante e o peregrino — prática sabiamente mantida pelas administrações subsequentes. No entanto, o particular atrativo dessa pousada era sua localização nas proximidades do rio. Um de nossos locais de peregrinação mais sagrados, o Narmada é adorado como a filha do deus Shiva.* Num giro pela área fiquei muito intrigado ao descobrir que em geral se ignora o crime de suicídio quando o criminoso tenta se matar nas águas do Narmada.

Para grande surpresa de meus colegas, candidatei-me à humilde posição de administrador da pousada do Narmada. A

* Num contexto religioso o rio é personificado sob a forma de mulher. (N. T.)

princípio tentaram dissuadir-me, convencidos de que minha estranha solicitação se devia à dor causada pela morte de minha mulher. Disseram que os burocratas veteranos deviam aspirar a postos mais elevados. Vendo que eu não cedia, por fim me recomendaram para o cargo e depois me esqueceram.

Graças às recomendações de meus antigos colegas, há anos que essa pousada situada numa encosta dos montes Vindhya tem sido meu refúgio na floresta.

Trata-se de uma construção de dois andares feita com as pedras da região, que têm a cor do cobre; o andar superior compreende três suítes espaçosas e independentes com vista para o jardim; o térreo abriga as salas de jantar e de estar, abrindo-se para uma ampla varanda. Felizmente os interiores conservaram os mosaicos originais, pois escaparam às atenções de um administrador inglês que na virada do século rebocou as paredes externas, dando uma aparência mais vitoriana que mogol ao bangalô com seu pórtico de pilares e sua escada de balaustrês.

Num dos lados dos jardins, escondido por mangueiras, ergue-se uma casinha, na qual eu moro. No outro lado os jardins conduzem a um terraço de pedra sobranceiro ao Narmada, que corre uns duzentos metros abaixo.

Com mais de um quilômetro e meio de largura, o rio tornou-se objeto de minhas reflexões.

Ajuda em muito minhas meditações a beleza do local. Do outro lado do rio avisto campos férteis que se estendem por quilômetros e quilômetros rumo ao sul até encontrar as sombras cinzentas dos montes Satpura. Neste lado do rio altos bambuais e árvores carregadas de jasmins selvagens e lantanias cobrem as encostas, envolvendo o bangalô numa selva tão densa que me impede de ver a cidade de Rudra, a apenas dezenove quilômetros de distância, onde mora o sr. Chagla, meu secretário.

Para chegar ao bangalô o pobre sr. Chagla pedala sua bicicleta por mais de uma hora; entretanto, como não temos telefone, seu retorno diário à cidade é essencial para organizar

nossos suprimentos e tratar de outros assuntos. Em Rudra estão a agência dos correios mais próxima, um médico que dirige um pequeno hospital e uma delegacia com quatro policiais.

Abaixo de Rudra, visível de nosso terraço na curva do rio, estende-se o complexo de Mahadeo. Quando o sol se põe, em geral sento-me no terraço com nossos hóspedes e observo as figuras distantes dos peregrinos, silhuetadas contra o carmim brilhante do céu, descendo a escadaria de pedra que leva dos muitos templos de Mahadeo à beira do rio. Ao crepúsculo a água em Mahadeo reluz com pequeninas chamas, como se estivesse se incendiando com as centenas de lamparinas de barro que descem o rio nas devoções noturnas.

Normalmente meu dia começa nesse terraço. Habituei-me a acordar antes do amanhecer e sentar-me aqui, no escuro, o rosto voltado para a nascente do rio, uma fonte subterrânea que atinge a superfície quatrocentos quilômetros a leste.

No silêncio da noite que se vai às vezes tenho a impressão de ouvir o coração do rio pulsando sob a terra antes de ele se revelar finalmente aos anacoretas de Shiva, imersos em meditação ao redor do tanque sagrado de Amarkantak. Imagino os ascetas sentados na escuridão como eu, os corpos nus cobertos de cinzas, os cabelos emaranhados torcidos no alto da cabeça à imitação de seu deus ascético, assistindo ao nascimento do rio e cantando:

*Shiva-o-ham, Shiva-o-ham,
Eu que sou Shiva, Shiva sou eu.*

Depois faixas de uma luz mortiça enviam ao céu nuvens de pássaros ruidosos que lembram multidões de peregrinos apinhando-se nos templos de Amarkantak para o culto matinal.

Quando a bola vermelha do sol aparece sobre as colinas, a atividade que imaginei ocorrer na nascente do rio se transforma na realidade da pousada, com o surgimento de nossos jardineiros, nossos varredores e do leiteiro.

Depois de dar algumas ordens saio do bangalô pelo portão

do lado norte e vou dar minha caminhada matinal. Quase de imediato entro na selva. Sob as grandes árvores reluzentes de orvalho — tecas, pipais,* paineiras, mangueiras, figueiras-de-bengala — o atalho lamacento ainda está deserto, cruzando-o apenas macacos saltitantes, antílopes indianos que passam aos pinotes, javalis erradios, como se exultassem com sua breve posse da selva. Ao voltar, dentro de duas horas, serei saudado nesse caminho por robustas mulheres tribais de Vano, uma aldeia das redondezas, que estarão catando lenha para cozinhar.

Os guardas de nosso bangalô são contratados no povoado de Vano e têm fama de ferozes por descender das raças tribais que durante séculos mantiveram essas colinas livres dos arianos que invadiram a Índia. A divindade de Vano é venerada sob a forma de uma imagem de pedra que representa uma criatura metade mulher, com os seios fartos de um símbolo da fertilidade, e metade cobra, enrolada sobre si mesma, pois os tribais acreditam que no passado governaram um grande reino da serpente, antes que os deuses dos arianos os derrotassem. Salvos do extermínio somente por uma personificação divina do Narmada, os tribais agradecidos atribuíram ao rio o dom de neutralizar os efeitos da picada de cobra, e com frequência ouço peregrinos que nunca conheceram um tribal recitarem a invocação:

*Pela manhã e à noite eu te saúdo, ó Narmada!
Defende-me do veneno da serpente.*

Os aldeões de Vano também acreditam que sua deusa cura a demência, libertando os que por ela são possuídos.

Além do vale, nas colinas seguintes, há um vilarejo muçulmano com uma pequena mesquita vizinha à tumba de Amir

* Pipal: árvore da família das moráceas, também chamada figueira-dos-pagodes (*Ficus religiosa*). Tem certa semelhança com a figueira-de-bengala ou baniano (*Ficus bengalensis*). (N. T.)

Rumi, um santo sufi do século XVI. Meu amigo Tariq Mia é *mullah* da mesquita, e geralmente em minhas caminhadas matinais vou até o vilarejo para conversar com ele, pois o velho é o mais sábio de todos os meus amigos.

Dirigindo-me à aldeia, às vezes paro no topo de nossa colina a fim de apreciar o panorama. Entre as serras do leste avisto espumosas cascatas onde, através de gargantas de mármore, o rio mergulha no vale mais abaixo da pousada; e, se me volto para o oeste, vejo o rio ampliar-se em sua corrida rumo ao mar Árábico, chegando a ter em seu delta dezessete quilômetros de largura.

É raro o dia em que não avisto peregrinos vestidos de branco caminhando nas margens do rio, bem abaixo do local onde me encontro. Muitos são como eu, pessoas de idade que passaram pelos primeiros estágios da vida determinados por nossas escrituras hindus — o bebê, o estudante, o chefe de família — e agora entraram no estágio do *vanaprasthi* para buscar sua *prajñā*, ou sabedoria.

Sempre me surpreendo com sua persistência, pois sei que a peregrinação pelo Narmada é difícil e demora quase dois anos. Na embocadura do rio, no mar Árábico, os peregrinos devem vestir-se de branco em sinal de respeito ao ascetismo de Shiva; depois caminham oitocentos quilômetros até a nascente do Narmada, em Amarkantak. Então passam para a margem oposta e voltam a pé até o oceano, parando somente durante as chuvas das monções, quando se abrigam em alguma pequena cidade-templo como Mahadeo, que tem acomodado as legiões de devotos que percorrem essa rota há milênios.

Então me lembro de que o objetivo da peregrinação é a persistência. Através de sua persistência os peregrinos esperam gerar o calor, o *tapas*, que liga os homens à energia do universo, assim como se acredita que o rio Narmada liga a humanidade à energia de Shiva.

Diz-se que Shiva, Criador e Destruidor de Mundos, estava num transe ascético tão extenuante que rios de suor brotaram de seu corpo e escorreram pelas colinas. Então tomaram a for-

ma de uma mulher — da espécie mais perigosa: uma bela virgem, que tentava inocentemente até mesmo os ascetas, inflamava-lhes a lascívia, aparecendo ora como uma ágil dançarina, ora como uma sonhadora romântica, ora como uma sedutora prostrada no langor do desejo. Suas inventivas variações divertiram Shiva a tal ponto que ele a chamou de Narmada, a Deliciosa, e abençoou-a com as palavras: “Tu serás para sempre sagrada, para sempre inexaurível”. Depois deu-a como esposa ao Senhor dos Rios, o mais ilustre de seus pretendentes, o oceano.

De pé no alto da colina, uma brisa suave a refrescar-me o corpo, avisto as águas do rio correndo ao encontro de seu noivo em todas aquelas variações que deleitavam os ascetas, enquanto em suas margens os peregrinos avançam lentamente. Desta distância os homens e mulheres de branco parecem a espuma do rio, e, enquanto os observo, espero ouvir a voz de Tariq Mia chamando os fiéis à oração.

Não quero chegar antes que o velho *mullah* termine de cumprir suas obrigações sacerdotais; assim, se ainda é cedo e pelo vale que nos separa não ecoou o brado de “*Allah-ho-Akbar!*”, caminho até uma fileira de antigas cavernas dos jainistas abertas na pedra acobreada.

Nunca entro nas cavernas, pois tenho medo de serpentes e não consigo acreditar que o Narmada me protege de suas pressas. Limito-me a sentar-me numa grande pedra e espiar para a escuridão do interior. As cavernas foram abandonadas há séculos, mas sempre espero encontrar um viajante jainista parado aqui num momento de devoção.

Uma vez deparei com dois jainistas mendicantes, ambos nus, membros da seita Vestido de Céu, cujas penitências rigorosas incluem a recusa da vergonha humana. Para minha grande decepção, informaram-me através de sinais que já nem sequer falavam. Depois de sorrir-lhes durante meia hora, despedi-me, pesaroso.

Em outra ocasião conheci um monge jainista de outra seita que acabara de renunciar ao mundo.

Lembro-me bem do encontro. Era inverno, e eu estava sentado em minha pedra, o sol hibernal aquecendo-me o rosto. Tinha nas mãos um cacho de bananas que havia colhido em minha caminhada para oferecer a Tariq Mia. Estava prestes a descascar uma delas para mim quando ouvi alguém tossir às minhas costas.

Voltei-me e vi uma esguia figura num manto de musselina branca postada a meu lado. Tinha a cabeça raspada, e seus olhos grandes me examinavam com estranha intensidade. Uma máscara de musselina cobria-lhe a boca, porém ouvi claramente quando perguntou: “Seguindo por esta estrada, chegarei a Mahadeo?”

Expliquei-lhe como chegar a Mahadeo, a curiosidade impelindo-me a achar algum modo de segurá-lo para conversar. Então vi a cuia de mendigo em sua mão. “Aceita uma fruta?”

Ele aceitou, e eu lhe dei as bananas. “Está fazendo a peregrinação do Narmada?”

“Não sou hindu. Vou me encontrar com meus colegas, os monges jainistas, em Mahadeo, aonde eles foram procurar um barbeiro. Pretendemos lhe pedir a caridade de nos raspar a cabeça.”

Fingi ignorância para fazê-lo falar mais. “Por que vocês precisam raspar a cabeça?”

“Para evitar a vaidade humana.”

“É por isso também que cobrem a boca?”

“Não. Estas máscaras nos impedem de matar insetos inocentes com uma inalação repentina.” Ele tirou a máscara para comer, revelando os traços vigorosos de um belo rosto ligeiramente prejudicado por um queixo saliente. “Os monges jainistas procuram libertar-se dos grilhões do desejo mundano através dos votos de pobreza, celibato e não violência.”

“Diga-me, amigo, qual desses votos tão severos é o mais difícil de cumprir?”

Ele sorriu, e o súbito relaxamento de sua expressão severa

mostrou que se tratava de um homem jovem, com menos de trinta anos. “Talvez você se surpreenda. A não violência. É muito cansativo ficar o tempo todo preocupado com a possibilidade de estar molestado qualquer coisa viva. Quando ando, sempre olho para o chão, com medo de pisar em alguma formiga. Até colher bananas se torna um ato perigoso. Quem sabe que pequenas criaturas vivem nas folhas ou no tronco de uma bananeira?”

O monge calou-se, e sub-repticiamente me pus a observá-lo enquanto comia. Ao terminar, ele dobrou as cascas de banana e colocou-as na base da pedra. Quando recolocou a máscara sobre a boca, falei, com certa timidez: “Também renunciei ao mundo”.

“Houve uma grande cerimônia para marcar o momento de sua partida?”

Quase ri, lembrando-me dos comentários de meus colegas; mas limitei-me a dizer: “Minha mulher era estéril, de forma que não tive filhos para afetar minha decisão. Meus pais já não estão vivos, como tampouco está minha mulher; e meus colegas praticamente não perceberam o momento de minha partida”.

“Você é um homem de sorte. Meu pai se gaba de ter gastado sessenta e dois milhões de rúpias em minhas cerimônias de renúnciação.”

“Você disse sessenta e duas rúpias?” Julguei tê-lo ouvido mal através da máscara.

“Não. Sessenta e dois milhões de rúpias.”

“Milhões! *Sessenta e dois* milhões! Como é possível? Por favor, fale-me dessa cerimônia.”

“Não me cabe discutir a vida que abandonei ao me tornar monge.”

Insisti. “É seu dever esclarecer-me. Você ainda é jovem. Tenho muito o que aprender com alguém que tão cedo renunciou ao mundo...”

“Não dê tanto valor a meus atos”, interrompeu-me ele, áspero. “Renunciar ao mundo não foi um sacrifício para mim.”

“Mas que sacrifício para seu pai! Sessenta e dois milhões de rúpias!”

Bati na pedra, convidando-o a sentar-se a meu lado. “Nós, hindus, reverenciamos os ensinamentos espirituais contidos em nossos Upanishads. Sabe o que significa a palavra *upanishad*? Significa sentar-se ao lado e ouvir. Aqui estou, sentado, ansioso para ouvir. Sendo monge, você pode me recusar o conhecimento?”

Ele jogou a cabeça para trás, soprando a delicada musselina de sua máscara com a força de seu riso descontraído. “Vocês, hindus. Sempre disfarçando sua cobiça com seus deuses de muitas cabeças e seus argumentos de muitas facetas.”

O monge depositou sua cuia de mendigo ao pé da pedra. “No entanto, se minha história pode ajudá-lo a encontrar o caminho da verdade, você tem o direito de ouvi-la.”

Ele andou até uma árvore e apanhou uma vara à qual estavam atados tufo de lã. Durante alguns minutos espanou a pedra cuidadosamente, afastando os insetos. Enfim, satisfeito por não molestar nenhuma criatura viva, sentou-se a meu lado, para meu contentamento.